

Ellen de Moraes Brito

MEMÓRIAS SUBMERSAS

O ARTIVISMO REVELANDO OS ATINGIDOS PELA
CONSTRUÇÃO DA BARRAGEM DE SOBRADINHO - BA



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE TECNOLOGIA E RECURSOS NATURAIS
UNIDADE ACADÊMICA DE ENGENHARIA CIVIL**

ELLEN DE MORAIS BRITO

**MEMÓRIAS SUBMERSAS:
O ARTIVISMO REVELANDO OS ATINGIDOS PELA CONSTRUÇÃO DA
BARRAGEM DE SOBRADINHO - BA**

Campina Grande/PB

2020

ELLEN DE MORAIS BRITO

**MEMÓRIAS SUBMERSAS:
O ARTIVISMO REVELANDO OS ATINGIDOS PELA CONSTRUÇÃO DA
BARRAGEM DE SOBRADINHO - BA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Engenharia Civil, sob a orientação do Prof. Carlos de Oliveira Galvão e coorientação da Profa. Clarissa Santos Silva (Universidade Federal do Sul da Bahia).

Campina Grande

2020

*“A cidade morreu! Foi sepultada...
O Rio também morreu! Água parada
Que se gerou de prantos e de mágoa...
Sobrados, cabanas... o cemitério...
Tudo chorando num adeus funéreo!
Tudo morrendo asfixiado em água!”*

(Demosthenes Guanaes)

AGRADECIMENTOS

Essa longa jornada, e tudo que eu me tornei durante essa caminhada, teve a participação direta de todos que convivem comigo. Cada ajuda, palavra de apoio, conversa... e cada café tomado em companhia, me trouxeram até aqui. Sou muito grata a todas e todos.

Aos orixás e entidades que estão sempre comigo, só tenho a agradecer! Axé!

À minha família, que me deu todo o suporte, principalmente emocional. Me deixaram livre no meu caminho e no meu próprio tempo para viver esse processo. Mainha e painho, essa conquista é nossa! Às minhas irmãs e sobrinhos, pelo suporte e torcida de sempre, muito obrigada por tudo!

Aos meus amigos, cada um me ajudou do seu jeito e vocês sabem disso. Em especial, à Clarissa Santos e à Raphinha (Raphael Rio), que honra tê-los comigo. Obrigada sempre!

À Carlos Galvão, que sorte tê-lo como orientador! Obrigada pelos ensinamentos que abriram meus caminhos nesta profissão para um lado de empatia com o próximo. Essa junção com a co-orientação de Clarissa Santos tornou tudo mais lindo. Obrigada a vocês pela compreensão, pela liberdade na pesquisa e por embarcarem comigo nesse tema atípico nos trabalhos da engenharia.

À universidade pública brasileira, através da Universidade Federal de Campina Grande, pela educação gratuita e de qualidade proporcionada. Que seja cada vez mais acessível a todas/os e contribua para nos afastar dos assombros da desigualdade, do fascismo e da colonialidade.

E por fim, agradeço e dedico este trabalho aos atingidos por barragens, um povo de luta e resistência neste país tão desigual.

RESUMO

Esta pesquisa faz uma investigação bibliográfica e de produções artísticas que problematizam os impactos socioambientais da construção da barragem de Sobradinho (BA), analisando a contribuição dessas obras - que aqui conceituamos como *ativistas* - para ampliar o poder de voz dos atingidos por barragens. Para isto, foram escolhidos três trabalhos artísticos, a saber: os filmes *Dos Que Sobraram das Águas* (2009) e *Narradores de Javé* (2003), além da música *Sobradinho* (1977). Iniciamos com uma revisão de literatura, onde apresentamos uma conceituação dos termos *ativismo* e *atingidos por barragens*. Abordamos ainda a implantação da barragem de Sobradinho, para, então, efetivar a análise das três obras artísticas selecionadas, fazendo uma convergência entre as mesmas e articulando com o processo histórico da construção da barragem. Consideramos que o estudo empreendido permitiu uma reflexão técnica e social quanto a responsabilidade das/os engenheiras/os civis, de forma que possamos buscar soluções alternativas e de forma participativa, a fim de evitar ou minimizar os desastres causados por construções desta natureza.

Palavras-chave: Sobradinho; Ativismo; Desastres ambientais; Atingidos por barragens.

ABSTRACT

This research makes an investigation of bibliographic and artistic productions that problematize the socioenvironmental impacts of the construction of the Sobradinho (BA) dam, analyzing the contribution of these works - that we here conceptualize as *artists* - to increase the power of voice of those affected by dams. For this, three artistic works were chosen, namely: the films *Dos Que Sobraram das Águas* (2009) and *Narradores de Javé* (2003), in addition to the song *Sobradinho* (1977). We start with a literature review, where we present a conceptualization of the terms *activism* and *affected by dams*. We also addressed the implementation of the Sobradinho dam, to then carry out the analysis of the three selected artistic works, making a convergence between them and articulating with the historical process of building the dam. We consider that the study undertaken allowed a technical and social reflection regarding the responsibility of the civil engineers, so that we can search for alternative solutions in a participatory way, in order to avoid or minimize the disasters caused by constructions like these.

Keywords: Sobradinho; Activism; Environmental disasters; Affected by dams.

LISTA DE SIGLAS

CRAB - Comitê Regional de Atingidos por Barragens

CMB - Comissão Internacional de Barragens

CPT - Comissão Pastoral da Terra

MAB – Movimento Atingidos por Barragens

MOVsam - Movimento pelas Serras e Águas de Minas

STR - Sindicato dos Trabalhadores Rurais

UFCG - Universidade Federal de Campina Grande

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Bacia do rio São Francisco

Figura 2 - Localização da barragem de Sobradinho

Figura 3 - Recorte do jornal local durante a construção da barragem de Sobradinho

Figura 4 - Enchimento da Barragem de Sobradinho

Figura 5 - Recorte de jornal anunciando a construção da barragem de Sobradinho

Figura 6 - Documentário Dos Que Sobraram Das Águas

Figura 7 - Filme Narradores de Javé

Figura 8 - Álbum Pirão de Peixe com Pimenta

Figura 9 - Frame do filme *Narradores de Javé* (2003)

Figura 10 - Reunião da CHESF em Remanso

Figura 11 - Frame do filme *Narradores de Javé* (2003)

Figura 12 - Frame do filme *Narradores de Javé* (2003)

Figura 13 - Rua do Comércio antes da inundação

Figura 14 - Rua do Comércio semi-destruída

Figura 15 - Moradores resgatando parte da alvenaria das casas submersas

Figura 16 - Igreja Matriz sendo alagada, Março de 1978

Figura 17 - Frame do filme *Narradores de Javé* (2003)

Figura 18 - Interior de uma residência oferecida pela CHESF

Figura 19 - Inundação na Nova Remanso. 1980

Figura 20 - Recorte de jornal da época que mostra o sofrimento dos idosos

Figura 21 - Aspecto da vida nas Agrovilas

Figura 22 - Visita a Velha Remanso

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
2. REVISÃO DE LITERATURA	13
2.1 Artivismo	13
2.2 Atingidos por barragens	16
3. SOBRADINHO	21
4. O ARTIVISMO REVELANDO OS ATINGIDOS	29
4.1 Documentário "Dos que sobraram das águas"	29
4.2 Filme "Narradores de Javé"	30
4.3 Música Sobradinho	32
5. MEMÓRIAS SUBMERSAS: UMA INCURSÃO ANALÍTICA PELAS OBRAS ARTIVISTAS SELECIONADAS	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	57

INTRODUÇÃO

As construções de grandes barragens no Brasil, na década de 70, se firmaram em um planejamento "sustentado na racionalidade técnico-científica e legitimado por discursos ideológicos baseados em progresso e desenvolvimento" (MENDES & GERMANI, 2010, p.31). Essas obras foram implantadas em regiões periféricas, onde a população que ali residia sobrevivia da agricultura e pesca de subsistência. As decisões para instalação das barragens foram verticalizadas, tomadas apenas pelos órgãos responsáveis, sem levar em consideração os impactos que construções desse porte viriam a causar sobre a população e o meio ambiente.

Neste trabalho iremos analisar os impactos causados pelo represamento do rio São Francisco com a construção da barragem de Sobradinho, localizada em Sobradinho - BA, que submergiu as cidades em seu entorno. Consideraremos a capacidade mobilizadora das produções artísticas sobre esse contexto, a partir do conceito de "ativismo", termo híbrido para designar a integração do ativismo e expressões artísticas, neste caso, em prol das ações e discussões socioambientais (GONÇALVES, 2012). O ativismo, como protagonizado por diversos artistas e coletivos, teve um papel fundamental no apoio à população afetada e na visibilidade dos desastres, contribuindo para revelar os atingidos dessas construções analisadas, manter viva a história e ampliar o debate acerca das tragédias e da importância da preservação do meio ambiente.

Assim, esta pesquisa de caráter qualitativo, através da análise bibliográfica e de obras artísticas e com um olhar pautado nos impactos socioambientais, propõe-se a investigar a contribuição dessas expressões artísticas que ampliaram o poder de voz dos atingidos por barragens. A escolha deste tema surgiu, especialmente, a partir da disciplina de Desastres Ambientais, componente curricular optativo do curso de engenharia civil da UFCG, onde foi apresentado o aspecto - até então inexplorado nas demais disciplinas - dos impactos gerados pelas grandes construções de obras de engenharia. Acreditamos que a escolha deste tema para encerrar o percurso nesta graduação permitiu tanto alicerçar uma reflexão técnica, quanto reiterar a responsabilidade socioambiental das/os engenheiros/as civis.

Iniciaremos com uma revisão de literatura, onde apresentaremos uma conceituação do termo *ativismo*, fazendo um recorte desde as primeiras manifestações que designaram esta expressão até a popularização do conceito, que alicerçará as análises das produções artísticas selecionadas neste trabalho. Em seguida, traremos uma discussão acerca do termo *atingidos por barragens*, muito utilizado ao longo do texto, devido ao objeto principal da pesquisa. Assim, faremos desde uma abordagem acerca do uso da palavra *atingidos* neste contexto até a sua incorporação à realidade dos vitimados pelas construções das barragens. No terceiro capítulo, daremos atenção à localidade onde a pesquisa se desenvolve: enfatizaremos a implantação da barragem de Sobradinho na Bahia, desde o surgimento das ideias de aproveitamento econômico do Rio São Francisco ainda na década de 1940 até a concretização da construção da hidrelétrica no final da década de 1970. Nos capítulos seguintes, definiremos e analisaremos as obras escolhidas (Narradores de Javé, Dos Que Sobraram das Águas e Sobradinho) fazendo uma convergência entre as mesmas, buscando uma unicidade entre as obras artísticas e articulando seu potencial *artista*. Por fim, concluiremos o trabalho em questão ressaltando a importância da interdisciplinaridade dentro da engenharia, para a formação de um olhar necessário e benéfico a vários campos de estudo.

Adeus Sento-Sé
para a base!
leamos, saudades,
com a esperança, jamais!
10/12/9...

Adeus velha
Sento-Sé!
Aue São José
nos acompanhe e
nos guie! Adeus!



ADEUS
Casinha quecid
Aqui vivi maravilhosos
dias da minha vida!

Revisão de literatura

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Artivismo

No século XIX, há uma efervescência no movimento artístico que aponta para uma preocupação política e social no modo de “fazer arte” e para a visão dos artistas como agentes de uma sociedade futura. Essa inquietação levou ao surgimento de novas categorias na arte, como, por exemplo, o impressionismo e o simbolismo. “É nesta época, também, que aparecem Vincent Van Gogh, o artista excluído da sociedade, e Paul Gauguin, o artista em busca de uma sociedade não corrompida pelo progresso, e Henri Toulouse-Lautrec, o artista publicitário” (BERTAZZO, 2009, p.78).

Ao longo dos séculos XX e XXI, as expressões artísticas se misturaram ainda mais com as manifestações de contracultura e o termo “*artivismo*” surgiu inspirado nestes movimentos, principalmente no final da década de 1970 na Europa e Estados Unidos (GONÇALVES, 2012). No Brasil esse movimento teve grande ênfase no final da década de 1960, quando o país passava pela ditadura militar. “Nesse período, o mundo das artes vivia em plena efervescência. Intelectuais e artistas empenhavam-se em produzir teorias e obras com evidente preocupação social” (BERTAZZO, 2009, p.106).

O termo artivismo é utilizado para expressar práticas que mesclam arte e ativismo em ações de reivindicações por direitos e só foi popularizado a partir de meados dos anos 2000. É visto como um encurtamento dos termos arte + ativismo, para designar expressões híbridas da arte com caráter político e de resistência cultural (VIEIRA, 2007). Há, porém, autores que preferem usar a expressão "artista-ativista" para denominar esta prática:

(...) “artista-ativista”, termo criado pelo coletivo americano Critical Art Ensemble (1996) para definir aqueles que, sendo ou não reconhecidamente artistas, se apropriam das mídias e tecnologias para produzir novas formas de intervenção cultural que seriam “artísticas” em seus modos de desenvolvimento e operacionalização (GONÇALVES, 2012, p.181)

O artista-ativista, portanto, é aquele que atua através de uma mobilização social, seja por meio de intervenções, manifestações etc., que utiliza a arte como ferramenta potencializadora para expressão de suas ações. As duas denominações se referem à mesma prática, como observa Gonçalves (2012, p.190):

(...) termos como “ativismo” ou mesmo “arte” e/ou “ativismo” são apenas formas de nomear práticas sociais comunicativas que não requerem uma definição precisa para fazer seu trabalho, mas que exigem talvez um outro olhar para serem compreendidas (...). Ao mesmo tempo, enquanto a “ação crítica”, as ações de arte e ativismo pelo menos no Brasil escapam aos modelos da “arte política” e do ativismo. Elas se produzem num interstício e formam um composto onde o político encarna o poético e vice-versa e onde uma instância não se reduz a outra (...)

Sua atuação, nesse sentido, parte da ideia de coletivismo, através do processo de colaboração. Essa colaboração existe no sentido de associação de ações que dialoguem com os problemas expostos (Gonçalves, 2012), ou, como sugere Mesquita (2006, p. 3):

Atuar coletivamente significa agir no campo da transversalidade, o que significa produzir formas de subjetividade, trabalhar com a cooperação e o predomínio de interconexões múltiplas, fluidas e mutáveis, num intenso processo de desterritorialização e reterritorialização das relações sociais.

Esta ação de tendência coletiva segue para formas de atuação em linhas ainda mais diretas e ágeis de participação política e social, organizadas por ativistas e artistas com a mesma preocupação social, como observa Chaia (2007, p. 10):

O artista ativista situa-se no interior de uma relação social, isto é, engendra uma esfera relacional fundada no desejo de luta, na responsabilidade ou vocação social que reconhece a existência de conflitos a serem enfrentados de imediato. Portanto, torna-se fundamental no ativismo o reconhecimento do outro e também a crítica das condições que produzem a contemporaneidade.

É a inquietação de atuar socialmente, enquanto parte do meio, que leva à construção deste tipo de prática no fazer artístico e dá base ao fortalecimento

destas ações que atrelam ética e estética e reafirmam uma potência de vida, como dito por Gonçalves (2012, p.191):

É através desse pluralismo que essas práticas sociais de arte e ativismo apropriam, incorporam e reprocessam elementos da cultura e podem tornar-se mecanismos por meio dos quais se escapam ao instituído e se afirma uma potência de vida.

Compartilhar as experiências artísticas e ativistas permite um modo de ressignificar o social, de analisar, sob uma outra ótica, e ampliar a visibilidade dos problemas sociais, seja no micro ou macrocosmo:

A arte activista, mais do que pretender transformar o mundo ou transformar a vida através da arte, procura abrir espaços de crítica, interrogar, e quem sabe até resolver questões pendentes ou descobrir respostas. É evidente que algumas destas pretensões poderão parecer idealistas, mas a arte também dificilmente tem pretensões pragmáticas. O que daqui se pode inferir são as motivações que animam um artista activista; apesar de subjectividade pessoal, a maioria sente-se indignado com as profundas falhas que o projecto da sociedade pós-moderna ainda não foi capaz de superar e, apesar da suposta cada vez maior escolarização da população, assiste-se à crescente alienação da mesma. (VIEIRA, 2007, p.23)

A arte como instrumento do ativismo social não apenas colabora na mobilização de ações acerca de um tema, mas consegue resguardar suas histórias de luta e resistência para que sejam lembradas ao longo dos anos. Segundo Raphael Rio (2020, p.87), colabora também na preservação da memória dos atingidos:

A força que motiva essa resistência através de uma criação artística que, dentre suas várias significações, também age enquanto um recurso contra o desaparecimento de uma história e uma cultura, pode ser expressa enquanto uma pulsão vital que os indivíduos têm na preservação de uma memória, de uma resistência ou um desejo a permanecer ao decorrer dos anos.

Com estas perspectivas e um enfoque voltado para os aspectos socioambientais, iremos tomar o termo *ativismo* como estas ações híbridas entre ativismo e arte que contribuem não só para a visibilidade dos problemas socioambientais - foco deste trabalho -, mas que estabelecem uma relação de

solidariedade, capaz de expandir vias e circuitos como estratégia de ação (GONÇALVES, 2012). Reconhecemos assim, que as obras escolhidas neste trabalho podem ser consideradas *artistas*, mesmo não tendo sido concebidas como tal, devido às suas formas de expressarem os problemas sociais neste país, utilizando-se da arte como ferramenta de comunicação e ampliação.

Agora é hora dos ARTIVISTAS, mixagem de ativista político com artista poético, e vice-versa, despertarem o acomodado brasileiro que dorme no berço esplêndido da inconsciência nacional. (FONTELES, 2008, p.193)

Assim, diante dos inúmeros problemas socioambientais no Brasil, diversos trabalhos artistas seguem contribuindo com a ampliação dessa consciência, levando o pensamento crítico à população acerca destas problemáticas e ampliando a visibilidade dos atingidos pelas injustiças socioambientais que ocorrem no país “em nome do progresso”. Dentre as diversas manifestações de ativismo, vamos focar em ações voltadas para os atingidos pela construção da barragem de Sobradinho - BA.

2.2 Atingidos por barragens

O uso do termo “*atingido*” para designar aqueles que sofreram danos pela construção de uma barragem é conflitante devido aos vários interesses por trás desta definição, sendo discutido por vários estudiosos, como dito por Santos (2014, p. 116):

O termo atingido é disputado em diferentes instâncias: (i) no campo da afirmação de direitos, do reconhecimento de violações, rebatendo sobre processos indenizatórios, (ii) no seio dos movimentos sociais como identidade política coletiva e na disputa por contra-hegemonia da sociedade; (iii) no meio acadêmico, na busca por sua afirmação como conceito.

O primeiro sujeito político que passa a usar esta conceituação é o Movimento dos Atingidos por Barragens - MAB, associação autônoma e popular que surgiu no final da década de 1980, como um movimento de apoio e resistência na luta pela terra, preservação da natureza e da criação de uma política energética democrática e

inclusiva dos povos atingidos, para que estes possam participar das decisões de todo o processo construtivo das barragens (SALES, 2008). Este movimento nasce de uma série de resistências às construções energéticas da década de 1970, dentre elas três grandes significativas:

Pode-se considerar que o MAB nasce de três grandes resistências promovidas pela sociedade da época:

- A construção da Usina de Sobradinho e de Itaparica, que deslocou a princípio cerca de 70 mil pessoas, fato este que motivou intensa resistência popular, ambas na região nordeste;
- Na região sul, novos movimentos se organizam, quando na mesma época ocorre o início da construção da UHE de Itaipu na Bacia do Rio Paraná, e é anunciada a construção das Usinas de Machadinho e Itá na bacia do Rio Uruguai;
- Na região norte, também no mesmo período, o povo se organizou para garantir seus direitos frente à construção da UHE de Tucuruí (SALES, 2008, p. 81)

Ainda na década de 1970 foi criado o Comitê Regional de Atingidos por Barragens (CRAB) para dar suporte aos atingidos pelas inúmeras construções de barragens no país naquela década (MARTINS, 2017). O termo *atingidos por barragens* foi popularizado pelos movimentos de resistência que buscavam a conceituação legal deste termo para conseguir as indenizações para as populações afetadas pela construção destes grandes empreendimentos:

Convém observar a formulação do conceito de *atingido* feita no I Encontro Nacional de Atingidos por Barragens, em 1989. Nesta categoria, o Movimento incluía “todos aqueles que sofrem modificações nas condições de vida, como consequência da implantação das usinas hidrelétricas, independente de ser atingidos diretos ou indiretos”. O conceito foi retomado a posterior pelo Movimento, que passou a considerar *atingido direto* não só quem é afetado com as obras das barragens, mas também toda a população que é onerada com pesadas tarifas da energia. (BENINCÁ, 2010, p.97)

Em 1997, aconteceu o I Encontro Internacional do Povos Atingidos por Barragens, em Curitiba (PR), e teve a participação de atingidos e organizações de apoio de 20 países da Ásia, América, África e Europa que compartilharam as suas experiências de resistência e conquistas, unificando as lutas internacionais e instituindo o dia 14 de março como o dia Nacional da Luta contra a Construção de

Barragens. Dessas articulações, e outras ao redor do mundo, foi criada na Suíça, ainda em 1997, a Comissão Internacional de Barragens - CMB (SANTOS, 2014). Todas as organizações foram frutos da mesma luta contra o fenômeno mundial que expulsou milhares de pessoas de suas terras em todo o mundo devido à construção de empreendimentos hidrelétricos:

(...) na Ásia e África chega a quase dois milhões. Este número triplica-se ao somarmos aos atingidos pelas barragens ainda em construção, de Sardar Sarovar (Índia), com quase um milhão de afetados, e Três Gargantas, no rio Yangtze (China) que já expulsou quase dois milhões de pessoas. Na América Latina, a construção de represas nacionais já movimentou cerca de quatrocentas mil pessoas, e os empreendimentos binacionais - como Itaipú, Yacyretá e Salto Grande - tem deslocado mais de cem mil pessoas. No Brasil, mais de um milhão de pessoas, cerca de 300 mil famílias, foram expulsas de suas habitações em consequência de construções de grandes barragens, ainda segundo o relatório da Comissão Mundial de Barragens. (SILVA, 2010 p.42)

Estes fenômenos de expropriação compulsória que conceberam os atingidos por barragens, por sua vez, geraram as organizações que se viram necessárias na luta contra estes processos e na defesa destes atingidos, “seja pela perda de terras para o reservatório, para a barragem em si, para a casa de máquinas, para a linha de transmissão, ou pela perda de espaços de sociabilidade” (SANTOS, 2008, p. 124). Conceituar este termo, que se refere aos que perderam os direitos de sua moradia, é algo tão mais abrangente e muitos autores acreditam ser uma ameaça à perda de identidade, como dito por Scherer-Warren (2006, p. 102):

(...) a perda da terra traz em seu horizonte a possibilidade de desintegração de sua vida comunitária, das relações da vizinhança e de parentesco, da destruição de seus bens culturais e no limite até a ameaça da perda de seu modo de vida de de sua identidade de camponês.

Não existe ainda no Brasil uma legislação que defina quem são os atingidos, logo, seus direitos não são devidamente garantidos. As empresas responsáveis pelos empreendimentos hidrelétricos e o governo restringem o conceito de atingidos apenas como aquelas/es que possuem terras nas áreas alagadas ou desapropriadas, proprietários que possuem os títulos em seu nome, denominando “indivíduos sem direitos” os ribeirinhos, quilombolas, posseiros, indígenas etc., que

não possuem esses documentos para, então, diminuir os custos com as indenizações (BENINCÁ, 2010).

O MAB e outros movimentos de resistência ampliaram por anos as suas militâncias junto aos atingidos, com várias demandas, desde soluções imediatas de apoio aos deslocados quanto à busca por uma solução de energias sustentáveis. Em 2009 o MAB apresentou para a Secretaria Geral do Governo Federal algumas reivindicações e dentre elas o reconhecimento do conceito de atingidos:

Deve-se pontuar ainda que existem conflitos que emergem precisamente do confronto de diferentes concepções de atingido. É prudente afirmar que nenhum conceito dá conta de explicar toda a realidade, sobretudo quando ela se apresenta tão complexa e mutante como no caso em questão. Porém, o Movimento tem aqui um ponto crucial que passa pela definição em lei e acercamento jurídico do público com o qual atua. (BENINCÁ, 2010 p.100)

Deste modo, compreendemos que o termo *atingidos por barragens* é usado e reconhecido mundialmente para designar os indivíduos que foram prejudicados, direta ou indiretamente, por quaisquer impactos causados, pelas construções de barragens. Nós utilizaremos este termo criado pelas organizações e movimentos sociais que há anos levantam essa bandeira de luta pelo reconhecimento do conceito que se torna necessário para estabelecer políticas públicas para esta população, além disso, estas organizações foram responsáveis por vários objetivos alcançados em todos esses anos de resistência. Tais ações vêm contribuindo em benefício das inúmeras famílias atingidas, que em sua maioria desconhecem seus direitos e veem nesses movimentos recursos para lutar por suas causas.



Sobradinho

3. SOBRADINHO

O Rio São Francisco é o maior da região nordeste. Sua bacia hidrográfica possui 639.219 Km^2 de área de drenagem e vazão média de $2.850 \text{ m}^3/\text{s}$ com 2.700 km de extensão¹. Percorre sete estados brasileiros, nascendo na Serra da Canastra em Minas Gerais e escoando no sentido norte, passando pelo Distrito Federal, Goiás, Bahia e Pernambuco, quando altera seu curso chegando ao Oceano Atlântico através da divisa entre Alagoas e Sergipe (Figura 1).

Figura 1: Bacia do rio São Francisco



Fonte: site do Observatório das Águas²

O plano de aproveitamento das águas do Rio São Francisco surgiu ainda em 1945 com a criação da CHESF (Companhia Hidrelétrica do São Francisco) e, em 1946, nasceu a ideia da construção de uma barragem com intuito de melhorar as condições de navegação para melhor funcionamento dos portos pelo rio. Em 1950,

¹ Disponível em: <<https://www.chesf.gov.br/SistemaChesf/Pages/SistemaGeracao/Sobradinho.aspx>>. Acesso em: 29 jun, 2020.

² Disponível em: http://observatoriodasaguas.org/publicacoes/id-743711/governanca_das_aguas_no_brasil_a_aplicacao_da_politica_nacional_de_recursos_hidricos_e_seus_impactos_no_territorio_da_bacia_do_rio_sao_francisco. Acesso em: 29 jun, 2020.

foi aprovado o Plano Geral para o Aproveitamento Econômico do Vale do São Francisco elaborado pela Comissão do Vale de São Francisco (MARTINS, 2017). A ideia inicial era melhorar a navegação pelo rio, sendo acrescida, em seguida, pela preocupação em regularizar a vazão de suas águas:

Depois, o projeto também ganha o objetivo de regularização para as usinas localizadas posteriormente, especialmente no Complexo de Paulo Afonso, e garantir a agricultura irrigada em Casa Nova e Petrolina, município pernambucano vizinho a Juazeiro (MARTINS, 2017, p. 51)

Nos anos 1970, no Brasil, iniciou-se um projeto de construções de grande porte chamados de Projetos em Grande Escala (PGE), que se apresentavam dentro de uma mesma lógica: implantadas em nome do desenvolvimento econômico do país, próximas a áreas ricas em recursos naturais, onde a economia ainda se dava por formas de subsistência e qualquer iniciativa de melhoria de vida trazia esperança à população. Sobradinho, assim como outras diversas barragens que se instalariam no Brasil, se enquadra nestes projetos sustentados em três pilares:

a) Gigantismo: grande movimento de capital e mão-de-obra; b) Isolamento: Comumente estas iniciativas ocorrem em lugares distantes, desvinculados dos sistemas econômicos mais amplos; e c) Temporalidade: o PGE se inicia pelo planejamento, sustentado na racionalidade técnico-científica e legitimado por discursos ideológicos baseados em progresso e desenvolvimento (GERMANI, 2010, p.31)

Apenas em 1971 o lugar da barragem é definido (Figura 2). A barragem de Sobradinho seria instalada a 748 km da foz do Rio São Francisco, no estado da Bahia, a 556 km da capital Salvador. Em 1972 o plano para a construção da barragem é aprovado e suas obras começam em 1973 (MARTINS, 2017).

Figura 2: Localização da barragem de Sobradinho



Fonte: site da Chesf³

Somente em 1974 o governo decide que a barragem terá como objetivo principal a geração de energia elétrica, ideia que surge sob a égide da urgência de construção de uma hidrelétrica para suprir a demanda energética de um país em desenvolvimento, como afirmam Mendes & Germani (2010, p. 39):

Um dos pressupostos dessa lógica era a ideia de que o país precisava crescer economicamente, aumentando sua produtividade, com o incremento de indústrias de base e o consequente fornecimento de energia para sua manutenção. A urgência deste propósito ditava o tom das ações e sua incontestabilidade.

As decisões para instalação das barragens foram verticalizadas, tomadas apenas pelas empresas responsáveis, sem levar em consideração os impactos que construções desse porte viriam a causar. O lago artificial gerado pelo barramento das águas do Rio São Francisco cobriria uma área incluída em seis municípios - Juazeiro, Xique-Xique, Casa Nova, Sento Sé, Remanso e Pilão Arcado -, gerando a realocação destas quatro últimas cidades, o deslocamento de cerca 72 mil pessoas e a perda de 350 km de margem fértil (GERMANI, 2010).

A CHESF contratou a empresa HIDROSERVICE para gerenciar o plano de deslocamento dessas famílias. Na pesquisa socioeconômica realizada com os moradores, se percebeu a preferência da população em ficar numa região próxima

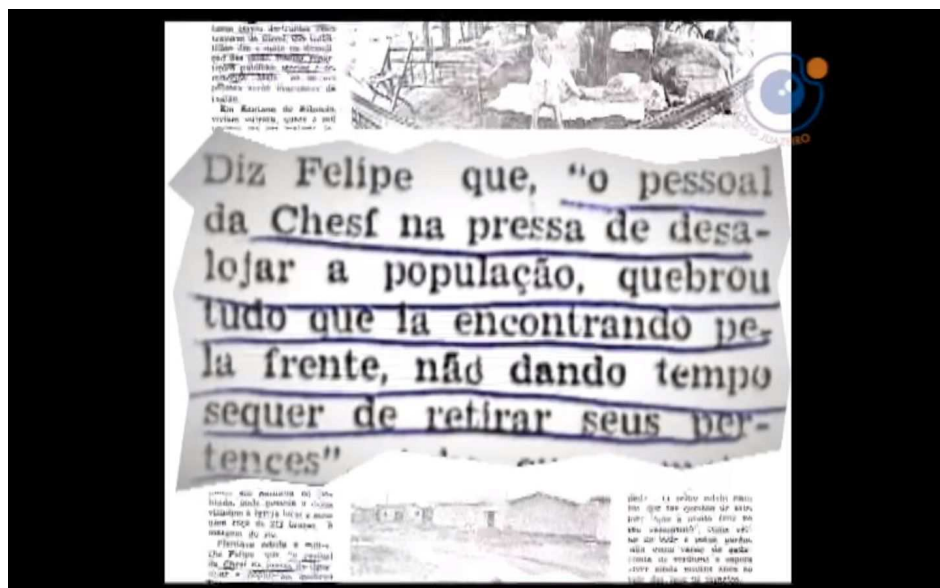
³ Disponível em: <https://www.chesf.gov.br/SistemaChesf/Pages/SistemaGeracao/Sobradinho.aspx>. Acesso em 29 jun, 2020.

ao rio, já que eles se sustentavam de suas práticas ancestrais, ligadas ao rio, como as atividades agrícolas, pesca, o artesanato ou troca de mercadorias excedentes. Porém, já existiam outros planos para essa região e não incluíam os moradores. O Instituto Nacional de Reforma Agrária (INCRA) entrou em cena como tentativa de dar suporte no assentamento dessas famílias. As opções dadas pela CHESF como soluções de destino dessas famílias foram:

- a) mudar-se para o assentamento na Serra do Ramalho, distante (700 Km) e diferente da região, que se mostrou um suplício para os que tentaram, de modo que a grande maioria das famílias o rejeitou;
- b) operação catingueiro: mudança para a área de Caatinga com ajuda de custo e c) a chamada solução própria: migração induzida por uma ajuda de custos para onde a família quisesse (PEREIRA, 1987, p. 11 apud GERMANI, 2010, p. 5)

A partir daí houve um longo processo de resistência das famílias e da realocação delas, já que as decisões da obra eram irrevogáveis. Em 1976, houve uma aceleração no processo da mudança dos que ainda resistiam sair de suas terras, de onde muitos tiveram sua desocupação forçada (Figura 3).

Figura 3: Recorte do jornal local durante a construção da barragem de Sobradinho



Fonte: Guimarães e Telles (2009)

Em 1978, as obras chegaram ao fim e o projeto Sobradinho foi concluído, gerando um lago artificial de 4.214 km², com capacidade de 34,1 bilhões de metros

cúbicos de água e vazão regularizada de 2.060 m³/s.⁴, submergindo as cidades em seu entorno (Figura 4).

Figura 4: Enchimento da Barragem de Sobradinho



Fonte: Site Papo físico⁵

Enquanto isso, as famílias que estavam no caminho desse sonho nacional e tiveram seu êxodo forçado, encontravam-se alocadas em condições desumanas, morando em abrigos improvisados sem a menor infraestrutura. A construção de Sobradinho implicou na desconstrução dessas famílias e de suas cidades (Figura 5). Os impactos desta obra se deram de inúmeras formas, num processo lento e doloroso, rompendo para além das questões materiais: houve um deslocamento de suas lembranças e histórias e o sofrimento continuou por décadas na tentativa de adaptação do novo modo de vida que lhes foi dado:

⁴ Disponível em: <https://www.chesf.gov.br/SistemaChesf/Pages/SistemaGeracao/Sobradinho.aspx>. Acesso em: 29 jun, 2020.

⁵ Disponível em: <https://papofisico.tumblr.com/post/11881401181/a-constru%C3%A7%C3%A3o-de-uma-hidrel%C3%A9trica-e-suas>. Acesso em: 13 nov, 2020.

Nas carrocerias dos caminhões as famílias agarravam-se a seus cacarecos e animais de estimação. Nos rostos marcados de dor rolavam lágrimas que embaçavam a paisagem da estrada que as levava ao novo mundo. Deixavam para trás um cenário de destruição, um lugar fantasma que guardaria no fundo das águas suas histórias de vida, seu passado, seus mortos. Para algumas famílias a mudança até poderia significar uma esperança de dias melhores, tal eram suas condições de extrema pobreza (...). para outras, não passava de uma vida interrompida. Algumas pessoas carregavam a esperança mágica apostando no futuro, outras sem esperança deixavam-se levar. (BARROS, 2007, p.4)

Este processo de desterritorialização do povo e suas origens desfaz todo um modo de vida conhecido até então, como observado por Germani (2010, p.33): “desterritorializar implica em romper a ligação temporal do homem com o chão, mas também impingir um novo ritmo de vida”.

Figura 5: Recorte de jornal anunciando a construção da barragem de Sobradinho



Fonte: Guimarães e Telles (2009)

Diante de tal recorte histórico, observamos que a construção da barragem de Sobradinho se estendeu, desde sua idealização na década de 1940 até sua conclusão no final da década de 1970, e consideramos as várias contribuições para o desenvolvimento econômico do país, no entanto, tais medidas em prol do

progresso, conseqüentemente, causaram danos irremediáveis e irrecuperáveis a milhares de famílias que mantinham uma relação material e imaterial com o Rio São Francisco.

Como forma de dar visibilidade aos prejuízos causados por esta grande construção, indivíduos e coletivos (ativistas) se utilizam de diversas linguagens artísticas não só para chamar a atenção para esta problemática, mas também na tentativa de provocar uma consciência crítica na população em geral, como também nos responsáveis por estes empreendimentos.



O ativismo revelando os atingidos

4. O ARTIVISMO REVELANDO OS ATINGIDOS

Como apresentado anteriormente, em nome do “progresso”, milhares de pessoas foram arrancadas - quase que silenciosamente - de suas casas, não fosse através de movimentos sociais de resistência que quebraram o silêncio, articulando arte e ativismo (ou o que conhecemos hoje como *ativismo*). Foi através desses movimentos e produções que algumas destas populações tiveram suas histórias contadas, suas lutas reafirmadas e sua memória mantida.

Para a análise dos impactos sociais da construção da Barragem de Sobradinho, escolhemos três obras artísticas que retratam o sofrimento que os atingidos passaram ao serem arrancados de suas casas. Pessoas que eram invisibilizadas tiveram, através destas expressões, a ampliação da problemática acerca do desastre socioambiental causado pela construção da barragem. A partir destas obras selecionadas, iremos analisar a história dos atingidos, tomando por base o olhar artístico dessas narrativas escolhidas.

4.1 Documentário "Dos que sobraram das águas"

O documentário "Dos que sobraram das águas" (Figura 6) foi produto de um trabalho de conclusão de curso de Comunicação Social - habilitação em Jornalismo em Mídias - da Universidade do Estado da Bahia, das alunas Inês Guimarães e Patrícia Telles. Produzido entre outubro de 2008 e março de 2009 na Nova Remanso - uma das cidades removidas para a construção da barragem de Sobradinho -, o filme foi construído a partir de entrevistas com os moradores atingidos da Velha Remanso.

Figura 6: Documentário "Dos que sobraram das águas"



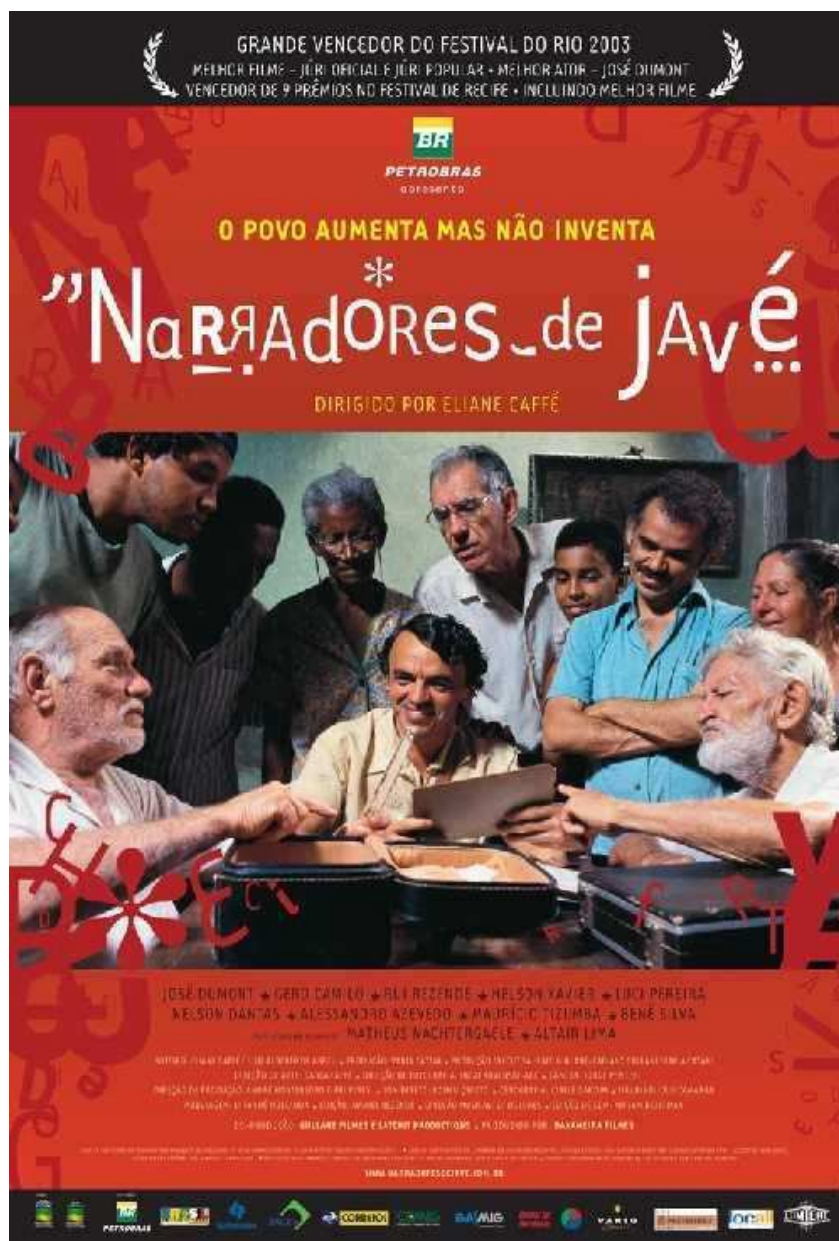
Fonte: Guimarães e Telles (2009)

Esta narrativa cinematográfica documental, além de contribuir trazendo as histórias reais pela perspectiva dos que sofreram o impacto da construção de Sobradinho, dando voz aos atingidos, foi fonte utilizada por diversos pesquisadores acadêmicos que buscavam entender os impactos sociais que obras desse porte vieram a causar.

4.2 Filme "Narradores de Javé"

O filme "Narradores de Javé" (Figura 7), da diretora Eliane Caffé, é uma ficção cinematográfica produzida em 2003, que conta a história da cidade de Javé, território no caminho das águas onde iriam construir uma hidrelétrica. Essa narrativa remete a muitas histórias reais, de pessoas que receberam o anúncio desse tipo de construção, que levaria à extinção de suas terras.

Figura 7: Filme Narradores de Javé



Fonte: Site IMDb⁶

Além de ganhar 25 prêmios cinematográficos, dentre eles 7 em festivais internacionais, ampliando a visibilidade acerca deste tema, levantou bastante discussão no meio acadêmico desde o seu lançamento até os dias atuais, revelando essa problemática social existente devido às construções de barragens no país iniciadas nos anos 1970, contribuindo para a ampliação em relação ao debate dos

⁶ Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0355809/mediaviewer/rm3278510592>. Acesso em: 14 Ago. 2020

que, em nome do desenvolvimento do país, perdem a voz: os atingidos por barragens.

4.3 Música Sobradinho

Escrita e interpretada pela dupla Luíz Carlos Pereira de Sá e Guttemberg Nery Guarabyra, conhecidos artisticamente por Sá e Guarabyra, a música gravada em 1977, principal canção do Álbum Pirão de Peixe com Pimenta (Figura 8), leva o nome da barragem de Sobradinho e seus versos localizam e revelam os impactos que essa construção trazia.

Figura 8: Álbum Pirão de Peixe com Pimenta



Fonte: Site da dupla Sá & Guarabyra⁷

Na canção, Sá & Guarabyra revelam o desastre que a construção da barragem de Sobradinho trazia, engolindo as histórias e as cidades que se encontravam no meio do caminho:

⁷ http://www.saeguarabyra.com.br/index.php?pag=discografia_song&id_song=219&id=63. Acesso em 14 Ago. 2020

SOBRADINHO

O homem chega e já desfaz a natureza
Tira gente, põe represa, diz que tudo vai mudar
O São Francisco lá pra cima da Bahia
Diz que dia menos dia vai subir bem devagar
E passo a passo vai cumprindo a profecia
Do beato que dizia que o sertão ia alagar

E o sertão vai virar mar, dá no coração
O medo que algum dia o mar também vire sertão
Vai virar mar, dá no coração
O medo que algum dia o mar também vire sertão

Adeus Remanso, Casanova, Sento-Sé
Adeus Pilão Arcado, vem o rio te engolir
Debaixo d'água lá se vai a vida inteira
Por cima da cachoeira o gaiola vai subir
Vai ter barragem no salto do Sobradinho
E o povo vai-se embora com medo de se afogar

E o sertão vai virar mar, dá no coração
O medo que algum dia o mar também vire sertão
Vai virar mar, dá no coração
O medo que algum dia o mar também vire sertão

Remanso, Casanova, Sento-Sé, Pilão Arcado
Sobradinho, adeus, adeus, adeus...
Remanso, Casanova, Sento-Sé, Pilão Arcado
Sobradinho, adeus, adeus, adeus...

(SÁ & GUARABYRA, 1977)⁸

Esta música se tornou um dos grandes sucessos da dupla e contribuiu no aumento da visibilidade do caso de Sobradinho, revelando seus impactos. Foi e continua sendo utilizada como análise dos impactos sociais e ambientais no meio acadêmico acerca dos atingidos por barragens.

⁸ Disponível em:

http://www.saeguarabyra.com.br/index.php?pag=discografia_song&id_song=725&id=75

idades

ao progresso

desaparecem

para dar lugar



Colagem por Natália Marinho (2020)

Memórias submersas

5. MEMÓRIAS SUBMERSAS: UMA INCURSÃO ANALÍTICA PELAS OBRAS ARTIVISTAS SELECIONADAS

Retomando os versos da música de Sá & Guarabyra, “O homem chega e já desfaz a natureza”, podemos notar a semelhança com o processo de construção da barragem de Sobradinho. Foram 350 km de área fértil inundadas, devastando a flora e a fauna, fazendo com que parte dos animais fossem removidos, outros afogados (GERMANI, 2010). A dinâmica alterada do rio modificou a existência das espécies dos peixes, como observado por Germani (2010, p. 34):

A fantástica transformação de um rio estreito num reservatório de grandes proporções altera o regime das águas, que antes eram aeradas e rápidas, agora lentas ou estanques, com maior decantação, novas configurações de calha, nova composição, tudo isso diretamente ligado à vida dos peixes, suas dinâmicas e mesmo as relações entre espécies ou proliferação de novas espécies (...)

Houve, além dos impactos ambientais, impactos sociais, já que as famílias que ali moravam se utilizavam desses recursos naturais, tendo então suas atividades essenciais interrompidas; vendo-se obrigadas a esperar as novas locações para, então, buscar novas condições mínimas de subsistência. O anúncio da construção veio carregado de ansiedade e preocupação, pois muitos consideraram que sem a agricultura - atividade principal dos moradores da região - eles iriam morrer de fome, como conta o agricultor atingido, Maninho Ferreira:

(...) perder nosso lugar lá, como é que a gente ia viver aqui? “Poxa, Mano, nós tamo lascado. Aqui tem o mei de viver e nós vamo mudar pra outro setor se nós tem mei de viver?”. Eu só pensava isso. (GUIMARÃES; TELLES, 2009)

Além das terras, suas casas também foram interrompidas, já que a barragem inundou uma área de 4.214 km², levando ao deslocamento da população e das cidades de Casa Nova, Sento Sé, Pilão Arcado e Remanso. Essas cidades, e cerca de 70 mil pessoas, estavam no caminho das águas, no caminho do progresso, e precisavam ser removidas em nome do desenvolvimento econômico do país.

“Tira gente, põe represa, diz que tudo vai mudar”

No filme *Narradores de Javé*⁹ (Eliane Caffé, 2003, 100'), a cidade fictícia de Javé sofre dessa ameaça conhecida por muitas famílias em todo o mundo¹⁰, a inundação de suas terras para a construção de uma barragem pelo governo federal. O discurso se justifica no sacrifício de uma minoria em prol de algo grandioso (Figura 9).

Figura 9: Frame do filme *Narradores de Javé* (2003)



Fonte: DVD *Narradores de Javé*. (8'20", 2003)

Javé é uma “não localização”, que pode remeter à memória de todos os atingidos por barragens, onde o patrimônio imaterial foi desvalorizado com a ideia positivista e exploratória de progresso, como observado por Lorenzon (2016, p.4):

Assim sendo, podemos conceber a ideia de progresso como uma forma de controle do homem sobre a natureza e controle do homem

⁹ Sinopse e trailer disponível em http://www.elianecaffe.com/narradores_de_jave.html. Acesso: 03/06/2020

¹⁰ “A Comissão Mundial de Barragens (World Commission On Dams WCD), em seu relatório divulgado em 2000, estimou que entre 40 e 80 milhões de pessoas foram deslocadas compulsoriamente em consequência da construção de grandes barragens”. (Mendes & Germani, 2010, p.02)

sobre o homem, não havendo, nestes termos, espaço para o patrimônio uma vez que este se mostra como uma contrariedade ao progresso.

A população ficava fora da tomada de decisão, sendo apenas informada da desocupação da área, como aconteceu em 1971, quando a construção da barragem de Sobradinho e a inundação das cidades foi anunciada numa convocação da população, no cinema da cidade de Remanso (Figura 10).

Figura 10: Reunião da CHESF em Remanso



Fonte: Mendes (2010), p. 173

Aqueles municípios eram ditos “atrasados”, como observado pelo prefeito em exercício durante a transição das cidades, Carlos Ribeiro, “nós não representávamos nada no contexto do Estado, porque não tínhamos importância política nem tínhamos uma produção que chamasse atenção dos governos para isso” (GUIMARÃES & TELLES, 2009). Logo, precisavam dar espaço ao progresso. Um dos meios de afirmação desta ideia foi a criação do jornal Renovação e Integração do Vale - Rivale, em 1972, que se utilizava do meio jornalístico para se posicionar a favor da construção da barragem. No caderno especial chamado “Sobradinho em Destaque”, lançado em 1973, pode-se observar o discurso do engenheiro

responsável pela obra, Eunápio Peltier de Queiroz, normalizando as práticas do avanço do país sobre a população local:

O “barranqueiro” é um homem totalmente condicionado ao rio que tudo lhe dá. Vive isolado e auto-suficiente. Analfabeto, sem usufruir qualquer benefício de comunicações de massas, seus contatos humanos restritos ao seu próprio nível, com os vizinhos e nas feiras, - sua mentalidade não pode evoluir, considerando-se primitivo, sem poder aquisitivo, sem aspirações, conformado e dominado pelo pavor ao desconhecido. Assim, agarram-se ao rio que lhe assegura a sobrevivência e as crenças que o confortam. – Além de tudo, com justa razão, profundamente sentimental para com seu rio, por afeição. – O VELHO CHICO. Socialmente é, pois um ser desvinculado, culturalmente e economicamente, do resto do país. (RIVALE, 30 edição, 1973, p. 5 apud SANTOS, 2019, p.6)

Há, portanto, uma estrutura de dominação sobre uma população vulnerável, que não tem voz e nem representação do estado enquanto mediador social, tornando-a invisível diante deste discurso e normalizando assim o impacto da construção da barragem como necessário ao desenvolvimento do país.

Apagados diante do vislumbre nacional de uma obra de grande porte, os moradores são obrigados a romper suas raízes. Este processo doloroso é retratado ficcionalmente em *Narradores de Javé*, onde os moradores javesenses representam as várias cidades brasileiras que tiveram que ser removidas para a construção de barragens e que a população reluta para preservar o que eles possuíam de maior valor, sua identidade, como observa Lorenzon (2016, p. 4):

No filme *Narradores de Javé* a preservação do patrimônio está diretamente articulada à preservação da identidade local dos moradores de Javé e salvação de suas terras e posses, que constituem o sentimento de pertença daquela comunidade formando assim a sua identidade.

O que define o “lugar no mundo” para as pessoas são as experiências vividas durante sua trajetória naquele lugar, seja pela ligação com os fundadores da cidade, seja pelo elo espiritual que aquela terra representa, seja pela lembrança dos familiares mortos a quem se devem preservar suas lembranças (Figura 11). Em Javé, a população foi informada que a única maneira de impedir a obra seria se a cidade fosse considerada patrimônio histórico, que é o grande problema desse vilarejo

onde a história está apenas na cabeça e língua de seus habitantes, restando apenas as memórias e a oralidade em confronto com o progresso anunciado. Assim, partem na tentativa de escrever suas memórias em busca de compor um documento histórico que prove a importância daquelas terras e evite que todas as histórias de seus ancestrais fiquem submersas.

Figura 11: Frame do filme *Narradores de Javé* (2003)



Fonte: DVD *Narradores de Javé* (1h 21'04", 2004).

Segundo Valencio (2009, p.102), todos os elos consolidam o pertencimento ao lugar:

O apego ao lugar aparece por vezes associado aos laços mais gerais criados ao longo da trajetória: à vizinhança, às práticas cotidianas, hábitos e valores. Em outros casos, em que a sociabilidade se mostra mais frágil, este apego estará diretamente associado a conquistas mais específicas como a construção da casa própria, marcada pelos sacrifícios constantes e por uma interminável luta pra se atingir um mínimo necessário.

Porém, todo esse pertencimento parece estar abaixo de uma hierarquia econômica. O mundo privado é o que sustenta os pilares de maior interesse para o país e os valores a serem considerados são apenas os econômicos.

Os impactos gerados por desastres de barragens atingem especialmente os pobres, aqueles que vivem perto de rios, de onde tiram suas necessidades e sustento. Pessoas para os quais o Estado não demonstra ter a intenção de conceder

a infraestrutura básica de moradia, tendo em vista que são sujeitos que não contratam, por exemplo, serviços de abastecimento, esgoto, etc. Sujeitos assim não pagam impostos, não fazem a roda da economia girar. Sujeitos assim podem ser sacrificados por uma maioria que irá se utilizar desses serviços e trarão o lucro esperado, sendo assim dignos de receberem sua água encanada, suas ruas calçadas e todos os serviços ditos essenciais à vida humana. A terra dos pobres passa a ser vista como área de risco, de onde é preciso afastar toda a gente para dar lugar a um empreendimento que traga melhoria àqueles que, supostamente, valem a pena o investimento:

Diante da insistência dos pobres no fazimento do lugar, nele depositando sentidos para a sua existência, emergem novos mecanismos de contestação a essa territorialização, dentro os quais tem destaque a progressiva substituição da denominação “área carente” para “área de risco”. (VALENCIO, 2009, p. 49).

A área de risco torna-se incontestável e nenhuma memória, individual ou coletiva, tem valia para justificar a não inundação de suas terras (Figura 12), dando voz ao Estado para decidir o que é melhor para o desenvolvimento do país conforme suas idealizações e legitimando o direito de desterritorialização dos que se distanciam de sua racionalidade mercadológica.

Figura 12: Frame do filme *Narradores de Javé* (2003)



Fonte: DVD *Narradores de Javé* (1h 29'58", 2003).

Sem direito e sem voz, Javé rompe do lado mais fraco, do mais empobrecido, numa segregação social clara em nome do progresso. A injustiça socioambiental estava feita. A mesma injustiça da construção de Sobradinho, onde a população do entorno - ribeirinha, indígenas e quilombolas - foi forçada a deixar para trás todo um simbólico construído por anos.

“Vai ter barragem no salto do Sobradinho”

As obras de Sobradinho iniciaram em 1973 e o INCRA foi integrado no projeto para analisar o destino das famílias. Essa preocupação com a realocação das famílias só surgiu quando a CHESF foi obrigada a apresentar um plano de remoção na contrapartida de empréstimo para as obras, como visto por Martins (2017, p. 60):

A empresa só começa a se preocupar com as pessoas às margens do rio depois que as obras já tinham sido aprovadas. E não é motivada apenas porque muitas vidas estão no caminho das águas. Na busca por empréstimo para financiar a construção da barragem, o governo obteve do Banco Mundial a imposição de que fosse feito um planejamento para a relocação desses moradores. Caso contrário, nenhum dinheiro seria injetado na empreitada.

Na expropriação, toda a área da barragem e onde se formaria o lago foram caracterizadas para reforma agrária, como visto no Decreto nº 73.072:

Art. 1º. Fica declarada prioritária, para fins de Reforma Agrária, a região compreendida pelos Municípios de Juazeiro, Casa Nova, Santo Sé, Remanso, Pilão Arcado, Xique-Xique, Gentio do Ouro e Barra, todos no Estado da Bahia, em seus limites conhecidos por lei estadual própria.

Já no processo de realocação dessa população, contou-se com o apoio da Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural da Bahia (ANCARBA) para ajudar as famílias que optaram por se instalar nas margens do futuro lago. Mas, em 1974, o INCRA informou que não seria possível essa instalação. A população ainda apresentou outras possibilidades que também lhes foi negada:

(...) Mas todas as indicações esbarravam no veto da CODEVASF (Comissão de Desenvolvimento do Vale do São Francisco): tratava-se de áreas reservadas para projetos de agroindústrias, ou ainda, de propriedades consideradas produtivas. (DUQUÉ, 1982, p. 1057)

Havia outros planos com as terras que seriam agricultáveis, um Plano de Ação do Governo, onde, mais uma vez, a população local não poderia ficar no caminho. Isso também gerou muita resistência da população que se negava a mudar para tão longe do rio, de seus sustentos:

(...) o homem da caatinga, ao lado de outros estão alimentando resistências contra a mudança de Remanso. Poucos habitantes estão dispostos a trocar suas casas humildes por outras, construídas à semelhança dos conjuntos habitacionais do BNH, como indenização em “Nova Remanso - uma triste realização urbana perdida no meio do sertão, longe das águas, onde não há espaço (...) os pequenos terrenos de 12,5 por 25 metros, não chegaram a convencer os futuros moradores, mesmo beneficiados por rede de água, luz elétrica e poço negro, confortos desconhecidos na velha cidade. Não são poucos, portanto, os que preferem lutar contra as determinações da Chesf (...) (Revista Veja, 13/08/1975, p. 24)

A igreja católica e o bispo Dom José Rodrigues também se fizeram importantes nessa luta de resistência e organização social, onde denunciavam em rádios e jornais os descasos da CHESF com a população.

“E o povo vai-se embora com medo de se afogar”

Em 1976 começa o processo de realocação das famílias que se viam ameaçadas tanto pelas águas chegando com parte do represamento da barragem, quanto pelo medo de ficar sem as indenizações prometidas. A CHESF pressionava os moradores que ainda resistiam, como relata o agricultor Zé Preto:

Eles falaram pra gente que ou a gente saía ou ia morrer lá, que eles não iam tirar ninguém não. Ou ia mandar trator passar por cima da casa e se não fizesse isso a água vinha, se você não quisesse sair, ia morrer lá dentro d’água. (GUIMARÃES & TELLES, 2009)

As cidades começam a ser desfeitas e esse processo de mudança pode ser observado nas Figura 13 e Figura 14, em que alguns moradores, na tentativa de reaproveitar alguns materiais como tijolos e telhas, demoliram parte das casas para garantir o material para construção das novas moradias, pois nem todos seriam indenizados pelos antigos imóveis, já que a CHESF classificou alguns como inválidos ou sem escrituras.

Figura 13: Rua do Comércio antes da inundação



Fonte: Silva (2010, p.113)

Figura 14: Rua do Comércio semi-destruída



Fonte: Silva (2010, p.194)

Alguns tiveram que recuperar materiais de alvenaria às pressas, com a casa já submersa (Figura 15), como relatado pela agricultora atingida Hilda dos Santos, no documentário Dos Que Sobraram das Águas (2009):

Nós saimo a casa ainda ficou em pé, deixemo as telha em cima, deixei meu genro... ele ficou pra tirar as telha de cima da casa e botava embaixo. Não passamo nem uma semana no Xique-Xique e nós vinhemos. Quando nós vinhemo, vinhemo numa canoinha de motor, aí quando a gente vinhemo já tava em cima a água toda, as telha tudo debaixo d'água né e fomos da beira que era o rio pra minha casa com água aqui pela cintura. Era pra ir lá pra minha casa onde era, tudo debaixo d'água.

Figura 15: Moradores resgatando parte da alvenaria das casas submersas



Fonte: Guimarães & Telles (2009)

Em 1977 o enchimento da barragem estava bem avançado e houve uma retirada às pressas da população que ainda resistia, o que acabou forçando a CHESF a organizar uma pequena área à beira do lago para algumas destas famílias. Houve também, nesta mesma época, a criação de uma comissão de apoio aos atingidos:

A criação da Comissão Pastoral da Terra (CPT) em Juazeiro, no mês de março de 1977, representou um avanço no enfrentamento dos abusos contra as comunidades da região, sistematizando e

concentrando ações que antes eram realizadas pela igreja de modo mais geral. A orientação técnica da CPT possibilitou a impetração de grande número de processos contra a CHESF, e deu visibilidade às denúncias de irregularidade. As atividades regulares nas comunidades propiciava a divulgação de informações e organização de ações de resistência. (SILVA, 2010, p. 187)

Esta comissão dava o apoio à comunidade em busca de soluções para garantir o abrigo dos que foram arrancados de suas casas, assim como denunciavam o descaso da CHESF com essa comunidade, expondo as reais condições dos atingidos. Este processo foi forte e desumano, como lembra Zé Preto, “eles fizeram da gente um pau podre de pião, pião como um pau que num vale nada. Largaram aí em qualquer lugar pro cupim comer. A verdade, né?” (GUIMARÃES; TELLES, 2009).

“E passo a passo vai cumprindo a profecia Do beato que dizia que o Sertão ia alagar”

Em 1978 as obras da barragem estão concluídas e aos poucos a profecia anunciada pelo beato Antônio Vicente Mendes Maciel, conhecido como “Conselheiro”, ia se concretizando. Relembrando os versos da canção Sobradinho, que diz “E passo a passo vai cumprindo a profecia do beato que dizia que o Sertão ia alagar”, somos remetidos a um episódio curioso que aconteceu na cidade de Remanso nos anos 1920, após a Guerra de Canudos¹¹, onde o grupo religioso liderado por Antônio Conselheiro tinha se multiplicado na fé por uma religião, contra a República e a corrupção. Essa fato é descrito por Silva (2010, p.81):

O relato de Wilson Lins, em “Remanso de Valentia” (1967:55), dá conta de um beato que, chegando à cidade de Remanso, começou a congregar fiéis em uma localidade do interior, realizando rezas e

¹¹ “A Guerra de Canudos envolveu um conflito entre o exército brasileiro e os milhares de sertanejos pobres que vivem numa comunidade autossuficiente agrupada em torno de Antônio Conselheiro, líder religioso, na localidade que é chamada de Belo Monte, num vale cercado de serras, no nordeste da Bahia”. (COSTA, 2017). Disponível em: <http://museudarepublica.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/10/CronoCanudos.pdf> . Acesso: 19 de nov. 2020.

pregações nos moldes do messianismo anti-republicano. Aumentando o grupo, incomodaram-se as autoridades da cidade – coronéis, padre e juiz – e mandam capturar o religioso, dar-lhe uma surra, e em seguida desterrá-lo, advertido que, se retornasse à região, seria morto. Executadas as ordens, ao sair da cidade, teria o beato bíblicamente sacudido a poeira do calçado e proferido sua maldição: aquela igreja que era orgulho da cidade de Remanso, iria se tornar morada de peixe. (Silva, 2010, p.81)

O que há 80 anos parecia uma predição absurda, estava se concretizando. A igreja inundada só iria servir de morada para os peixes (Figura 16).

Figura 16: Igreja Matriz sendo alagada, março de 1978.



Fonte: Silva (2020, p. 195).

A simbologia com o religioso também é vista na cena da inundação da igreja no filme *Narradores de Javé* (Figura 17), representando a ruptura do seu povo com suas crenças e o pesar deste momento de rompimento com o simbólico. “Como reconstruir a vinculação com o simbólico? (...) O homem é o tempo que ele vive. O

tempo está no espaço. Não é possível descolar a violência desse processo” (GERMANI, 2009, p. 4).

Figura 17: Frame do filme *Narradores de Javé* (2003)



Fonte: DVD *Narradores de Javé* (1h 34'01", 2003)

Os javesenses não tiveram outra saída a não ser deixarem suas terras, agora engolidas pelas águas, e saírem em retirada para o lugar prometido pelo progresso. A narrativa fílmica de *Narradores de Javé* acaba aqui, mas o destino dessas famílias atingidas por barragens continua num percurso ainda mais doloroso.

*“Adeus Remanso, Casa Nova, Sento Sé
Adeus Pilão Arcado vem o rio te engolir”*

A população em torno da barragem de Sobradinho que foi transferida para as novas cidades foi surpreendida ao se deparar com a falta de infraestrutura e com casas ainda inacabadas (Figura 18). Muitas das grandes famílias receberam uma casa de quatro cômodos - sala, quarto, cozinha e banheiro -, sendo impossível uma

instalação decente para acolhê-los, mas, segundo a CHESF, antes suas casas de nada valiam comparadas com as cedidas por eles, como conta a aposentada atingida Carmelita Alves:

Eu tinha dez filhos, aí minha casa lá era de lama como eles disseram. Era de taipa mas tinha três quartos, duas salas e o cômodo da cozinha. Dava muito bem pra meus filho se alojar, dormir no chão, nas esteira como era mesmo, nera? Mas tudo bem acomodado. Quando foi pra mudar pra aqui, não queriam dar uma casa, gente. Não queriam me dar uma casa de dois quartos, era pra dar uma casinha de um quarto, como tem muitas por aí, era a casa que iriam me dar. Uma família com dez filho, doze pessoas numa casa de um quarto só. Aí eu disse que não assinava (...) ela chegava lá, me iludia, me iludia pra mim assinar pra receber a casa de um quarto. Ela dizia que minha casa não valia nada, que era de lama, contava até as telha da casa (...) minha casa não valia porque era de lama, não era de alvenaria. (GUIMARÃES & TELLES, 2009)

Figura 18: Interior de uma residência oferecida pela CHESF.



Fonte: Silva (2010, p. 251)

Observou-se um grande descaso com essas pessoas durante todo o processo da construção dessa barragem. Semelhante descaso foi destinado ao meio ambiente, tendo em vista que, em 1980, uma nota foi emitida pela Associação de

Engenheiros Agrônomos do Brasil denunciando os impactos ambientais decorrentes da construção da barragem, como áreas não previstas que também foram inundadas. Em maio desse mesmo ano, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) enviou uma carta para a Chesf cobrando as melhorias prometidas para a população:

- a) Cheques e indenizações não pagas, ou mal pagas, sob falsas medições;
- b) Foram construídas algumas casas na zona rural e algumas vilas. As casas não receberam acabamento (reboco), provocando grande transtorno com a proliferação de insetos, principalmente barbeiro, e as doenças decorrentes disso;
- c) Falta de água tratada nas vilas;
- d) Compensação pelas lavouras perdidas, prometida àqueles que abandonaram o campo, deixando sua atividade, e vieram para a cidade sem nenhuma qualificação ou meio de sobreviver;
- e) Casas de farinha, prometidas aos que permaneceram na zona rural, mas não entregues, deixando os colonos sem condições de beneficiar a mandioca, obrigados a pagar aluguel em casas de farinha de terceiros;
- f) Má distribuição dos lotes rurais, sem acompanhamento posterior, favorecendo a grilagem;
- g) Falta de prédios públicos: escolas, igrejas, hospitais, falta de cemitérios e estradas, entre outros.

(SILVA, 2010, p. 252)

As indenizações tinham um critério próprio da CHESF, que não era transparente nem compreensível à população, resultando que algumas delas foram defraudadas e acabaram não recebendo nada, como afirmou a escritora e historiadora atingida Marisa Muniz:

Ainda hoje ela me deve. Ainda hoje, não só a mim quanto a muitas pessoas, entendeu? Ela não foi justa, ela não foi digna, ela traiu muita gente, muita gente mesmo. Colocou aqueles rapazes novos, aquelas moças pra valorizar sua casa, chegavam, olhava olhava, dava o que ela bem queria e entendia. (GUIMARÃES e TELLES, 2009)

Eram inúmeros os transtornos enfrentados pela população no novo assentamento. Nos terrenos não houve um trabalho bem feito de terraplanagem antes das construções, levando a uma enchente durante as primeiras chuvas intensas (Figura 19).

Figura 19: Inundação na Nova Remanso. 1980



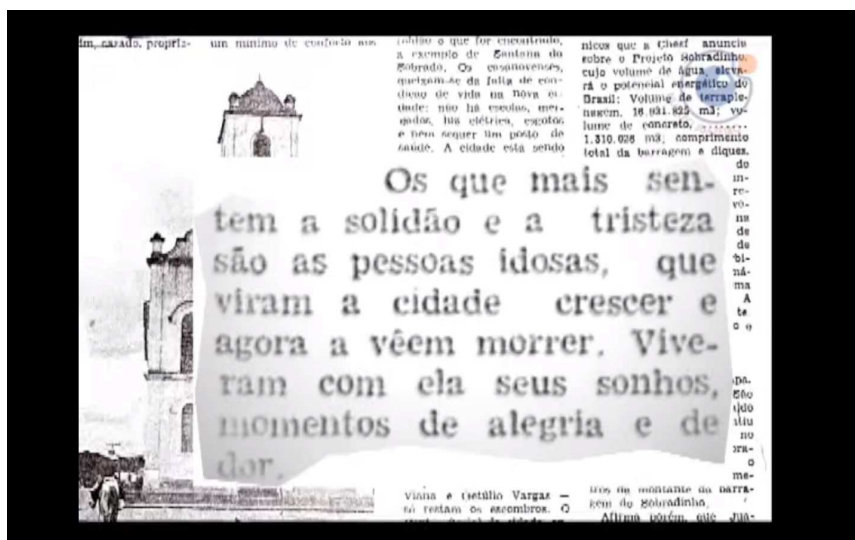
Fonte: Silva (2010, p. 199)

As casas já apresentavam problemas de rachaduras, não tinham água nem a energia elétrica tão prometida. Além de problemas nas estruturas da cidade, havia o processo de adaptação de referência de lugar. Os moradores ainda se sentiam confusos diante de tamanha mudança, como observado por Silva (2010, p. 196):

Há fartura de relatos no sentido de que foi notável a desorientação espacial dos relocados, que, tendo vivido por décadas em uma configuração urbana, agora se viam diante de uma cidade com relevo, disposição de vias e das próprias casas, aparelhos urbanos, novos nomes de logradouros, escolas, Igreja completamente diferente, e ainda uma readaptação às rotinas de vida. A inadequação espacial era, naquele momento, uma materialização da falta de rumo que as pessoas experimentavam.

Esta realocação espacial levaria um tempo de adaptação, da dinâmica das novas cidades, da ressignificação de suas vidas após inundação, principalmente dos idosos que deixaram uma vida toda pra trás (Figura 20).

Figura 20: Recorte de jornal da época que mostra o sofrimento dos idosos.



Fonte: Guimarães e Telles (2009).

Nas Agrovilas o descaso foi muito maior, e não se via preocupação nem com os aspectos externos das construções (Figura 21), nem havia a assistência que as famílias esperavam. A irrigação prometida não foi cumprida e a qualidade da água do poço para consumo era de tão má qualidade que muitos adoeceram.

Figura 21: Aspecto da vida nas Agrovilas.



Fonte: Silva (2010, p. 230)

Os moradores e o sindicato dos trabalhadores rurais chegaram a construir um abaixo-assinado para reivindicar os seus direitos e expor ao presidente da república a situação das Agrovilas:

Antes de nos mudarmos para estas Agrovilas, diziam-nos que cada colono tinha direito a iluminação elétrica em suas residências, o que não vêm acontecendo, e, se algum colono tenta obtê-la, terá de fazer a instalação às suas próprias custas. Senhor Presidente, não sabemos se V. Exa. está inteirado do que vem acontecendo nestas Agrovilas, mas a verdade é que há muita gente aqui passando fome, enquanto outros colonos estão indo embora, em consequência da condição de vida precária que a tanto os obriga. As queixas dos colonos jamais são recebidas com a necessária atenção pelos seus superiores administrativos ou às vezes são impedidos de fazê-lo para que não surjam comentários. (Carta do STR de Bom Jesus da Lapa, Caminhando Juntos, janeiro de 1980)

Muitas famílias saíram “fugidas” de lá, pois era impossível viver com condições tão precárias e acabaram “voltando” para perto dos outros realocados, como dito por Silva (2010, p. 263):

O destino já tinha golpeado aquelas famílias com a expulsão, agora reservava um êxodo singular, numa libertação para outros cativeiros. Estes “fugitivos” passaram então a ocupar os espaços possíveis, em subempregos, à margem do Lago, das cidades, do progresso.

A construção da barragem de Sobradinho foi permeada de muito sofrimento e sacrifício daqueles que tiveram suas vidas removidas. Os impactos ainda são sentidos décadas depois, “numa sensação de que o futuro passou pela terra... mas não ficou” (GERMANI, 2010, p.39). A energia elétrica tão prometida chegou com um atraso de 30 anos.

A população atingida teve parte de sua memória apagada e se viu obrigado a adaptar-se ao novo modo de vida. Suas poucas conquistas se devem aos que lutaram e não se calaram diante de tamanha injustiça, como o apoio de artistas, Igrejas, associações como o CPT - Comissão Pastoral da Terra, STR - Sindicato dos Trabalhadores Rurais, do MAB e tantos outros que realizaram várias frentes de intensificação de luta e reivindicações, contribuindo para expor os atingidos por barragens e lutar por suas causas.

“Remanso, Casa Nova, Sento-Sé

Pilão Arcado, Sobradinho

Adeus, adeus”

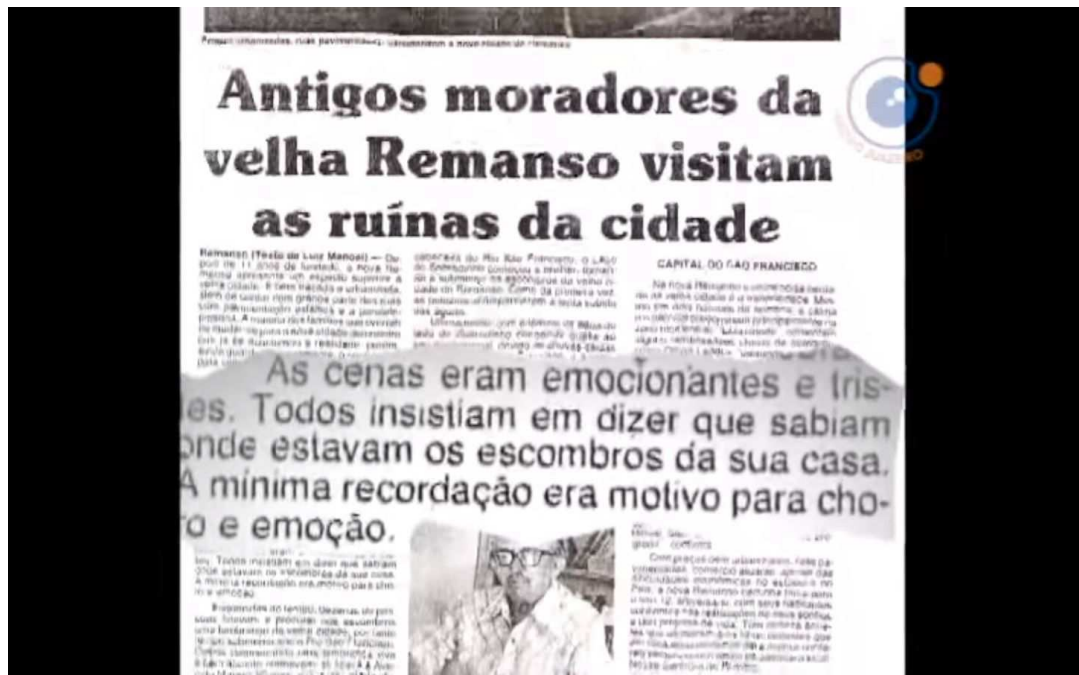
Quando se pergunta aos moradores sobre a vida nas novas cidades, conseguimos perceber a angústia em suas falas e a saudade de seus velhos hábitos:

Fiz minha casa aqui, acabei de criar meus fí aqui, fiquei por aqui mesmo mas não gostei, não gostei de mudar do meu lugar pra aqui de jeito nenhum. Pra mim foi a maior tristeza, a maior malvadeza. Hoje quando eu me lembro quando é de manhã que o espaço da vazante passar, passando que eles passam dessa lagoa aqui pro rio, (...) a gente fica com saudade, a gente lembra que aquela hora de quatro hora era a hora da gente levantar e ir pra vazante, passar o peixe e pra roça no rio. Hoje a gente não tem mais isso, acabou, acabou aquela riqueza que a gente tinha que hoje não tem aqui não, acabou. (GUIMARÃES; TELLES, 2009)

Durante uma visita à velha Remanso, os seus antigos moradores demonstraram muita tristeza e saudade de ver o lugar de várias histórias vividas, submerso (Figura 22). A aposentada Dona Gercina, conta em *Dos Que Sobraram Das águas*, a emoção que sentiu ao rever suas terras submersas:

Depois que eu tô aqui, já morando aqui, meu filho já me levou lá no cais pra mim olhar como é que tá (...) “Ó, mãe, alí onde era a sua casa. olha alí o mercado, olha aqui onde era as casa tudo lá, ó onde era o Capão, onde tinha aquela igreja lá do Capão”. Ô rapaz, quando eu cheguei lá que eu vi, que me lembrei, que me recordei de tudo, ô... eu fiz foi chorar (...) com saudade da minha terra que tá debaixo d’água. (GUIMARÃES; TELES, 2009)

Figura 22: Visita a Velha Remanso



Fonte: Guimarães & Telles (2009)

É perceptível também o desejo dos moradores de retornarem para suas casas, se houvesse um meio, como observamos na fala do pescador atingido Almerindo Rodrigues, “se fosse pra dizer assim “a água vai baixar e vocês vão ter que voltar pro lugar velho”, ah, eu gostaria demais”. (GUIMARÃES;TELES, 2009)

Foram décadas de luta e sofrimento enfrentados pelos atingidos pela construção da barragem de Sobradinho, que do progresso anunciado só tiveram acesso à expulsão, sofrimentos, amarguras e saudades. A vontade de retornar para as suas casas perdura até nos seus sonhos, como Maninho Ferreira compartilha conosco, “ainda hoje eu tenho saudade de lá. Eu sonho lá, lá nas casa que nós morava, nas roça lá, eu sonho (...)” (GUIMARÃES; TELLES, 2009).

Assim, a partir da análise empreendida, consideramos que as obras selecionadas carregam em si um imenso valor artístico, demonstrando a capacidade e a criatividade dos seus realizadores que, através de proposições artísticas, conseguem revelar e dar voz à população pertencente às comunidades atingidas por barragens.

Dentre as obras, apresentamos duas produções audiovisuais, sendo uma de ficção (Narradores de Javé, dir. Eliane Caffé, 2003) e uma documental (Dos Que

Sobraram das Águas, dir. Guimarães e Telles, 2009), onde ambas abordam a problemática dos moradores atingidos pela construção de uma barragem. O diferencial entre as duas produções é que, em Narradores de Javé, a diretora se apropria do tema para criar uma história fictícia demonstrando os dramas enfrentados por diversas famílias que tiveram que deixar suas casas devido à execução dessas grandes obras. Já no documentário, as diretoras focam especificamente nos atingidos pela construção da barragem de Sobradinho, abrindo um espaço para que esses moradores discurssem sobre suas angústias que perduram há cerca de 40 anos. Além dessas produções audiovisuais, também foi utilizada como objeto de análise a música Sobradinho (Sá & Guarabyra, 1977), composta na mesma época da construção da barragem, que narra, de maneira poética, o sofrimento que as comunidades em torno da barragem de Sobradinho enfrentaram.

O alcance dessas obras e seu potencial *ativista* vão além do meio acadêmico aqui destacado e perduram até hoje, 43 anos após a construção da barragem, onde continuam se propagando também nas plataformas digitais. Narradores de Javé, em uma das suas publicações na plataforma Youtube possui mais de 54 mil visualizações¹². O documentário Dos Que Sobraram das Águas conta com um número relevante de 1,7 mil visualizações no youtube¹³, sendo sua maior repercussão no meio acadêmico. Já a música Sobradinho teve, também em uma das suas postagens, cerca de 800 mil visualizações¹⁴. Na plataforma Spotify, a dupla Sá & Guarabyra conta com mais de 48 mil ouvintes mensais¹⁵. Além disso, para todas as obras, precisamos considerar um público não contabilizável e no qual há grande absorção dessas produções: espaços formais e não-formais de educação, ONGs, cineclubes etc., com o uso educativo dessas obras.

¹² Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=ZmckoC3gAcQ&ab_channel=Virg%C3%ADnial%C3%BAciadaFonsecaMenezes. Acesso em: 20 de nov. 2020.

¹³ Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=Ev18_PVYbEM&t=8s&ab_channel=TVUNEB-Juazeiro. Acesso em: 20 de nov. 2020.

¹⁴ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8ERBwtuaYmY&ab_channel=brunolsp. Acesso em: 20 de nov. 2020.

¹⁵ Disponível em:

<https://open.spotify.com/artist/4C7Wvm67sCnsmSWXHcpK0D?si=-QEPA5FQSEaSNpAHQUcNvQ>. Acesso em: 20 de nov. 2020.

Desta maneira fica evidente a importância e a relevância que estas obras artísticas possuem enquanto mecanismos sociais, que neste caso, em específico, chamaram a atenção para as problemáticas que a construção da barragem de Sobradinho causou à inúmeras famílias que até então eram invisíveis diante a grandiosidade dos benefícios atrelados a construção da hidrelétrica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho em questão buscou retratar as vivências enfrentadas pelas comunidades atingidas pela construção da barragem de Sobradinho, tendo como suporte principal trabalhos artísticos, que auxiliam na propagação de pensamentos e refletem sobre os danos causados à sociedade deslocada de suas terras por causa da construção desta hidrelétrica. Convergindo uma análise técnica com uma investigação acerca dos trabalhos artísticos selecionados, chegamos à concepção de uma ideia onde se é possível mesclar áreas de conhecimentos distintas - engenharia civil e artes - em prol de um propósito comum: revelar os atingidos por barragens.

Este estudo buscou esmiuçar as três obras escolhidas para a análise (Narradores de Javé, Dos Que Sobraram das Águas e Sobradinho) como forma de identificar aspectos de impactos socioambientais denunciados através destas manifestações artísticas. Além disso, atrelamos a esta pesquisa uma fundamentação teórica que pudesse respaldar academicamente as teorias que envolvem diversas áreas como a geografia, sociologia, antropologia, comunicação, arte etc. e que contribuem com o entendimento relativo aos atingidos por barragens.

Consideramos que estas compreensões permitem tanto alicerçar uma reflexão mais histórica e técnica acerca das construções de barragens, quanto reiterar a responsabilidade socioambiental das/os engenheiros/as civis enquanto agentes destas grandes construções, além de permitir lançar um olhar mais interdisciplinar com outras áreas. Vislumbramos que esta perspectiva interdisciplinar nos permite a compreensão dos desastres para além dos tecnicismos, considerando as construções também a partir das relações sociais produzidas, ampliando a nossa visão e compreensão acerca deste tema e permitindo pensar soluções alternativas e de caráter participativo com a população, que venham a evitar desastres - como o aqui relatado - ou, pelo menos, minimizá-los.

Este trabalho certamente não encerra o assunto da problemática dos atingidos por barragens, mas abre possibilidades de discussão acerca dos desastres ambientais em articulação com as artes e outras áreas lançando um olhar crítico para a própria engenharia, que pode vir a pensar métodos construtivos que venham

a contribuir com a sociedade, sem distinção, sem causar danos à população - invisibilizada - e ao meio ambiente.

Referências

BARROS, Edolnice da Rocha. O que ficou sob as águas: Ensaio etnográfico de uma população relocada. In: ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E BARRAGENS da UFBA, 2007. Salvador. **Anais eletrônicos do I Encontro de Ciências Sociais e Barragens da UFBA**. Salvador: UFBA. 2007. Disponível em: http://www.ecsb2007.ufba.br/layout/padrao/azul/ecsb2007/arquivos_anteriores/st6_11.pdf. Acesso em: 18 nov. 2020.

BENINCÁ, Dirceu. **Água e energia para a vida: o movimento dos atingidos por barragens no Brasil (1991 - 2009)**. 2010. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontífica Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, São Paulo, 2010.

BERTAZZO, Lucia. **O ativismo ambiental nas ações de Siron Franco, 1986-2008: a arte como estratégia de divulgação**. 2009. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual) - Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

CHAIA, Miguel. Artivismo - política e arte hoje. **Aurora**, São Paulo, n. 1, p. 9-11, 2007.

CRUZ, Sandro Inácio Carnairo da. **Caracterização e utilização de solos dispersivos nos aterros compactos da barragem de Sobradinho**. 2008. Dissertação (Mestrado em Engenharia Geotécnica) – Escola de Minas NUGEO, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto.

DOS QUE SOBRARAM DAS ÁGUAS. Direção: Guimarães & Telles. 2014. 30'11". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ev18_PVYbEM>. Acesso em 5 ago. 2020.

DUQUÉ, Ghislaine. A experiência de Sobradinho: problemas fundiários colocados pelas grandes barragens. **Ciência e Cultura**, São Paulo, V. 35, n. 8, p. 1054-61, ago. 1982.

FONTELES, Bené. **Cozinheiro do tempo**. Brasília: O Autor, 2008.

GERMANI, Guiomar Inez; MENDES, Edcarlos. **RDE - Revista de Desenvolvimento Econômico**. Salvador, BA. Ano XII, p. 30-39. 2010.

GONÇALVES, Fernando do Nascimento. Arte, ativismo e tecnologias de comunicação nas práticas contemporâneas. **Contemporânea**, Rio de Janeiro, RJ . V. 10, n. 2, 178-192, 2012.

GREENPEACE BRAZIL. **Um rio de gente para ajudar Mariana**. 2016. Disponível em: <<https://wayback.archive-it.org/9650/20200302014151/http://p3-raw.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/investigacao-independente-impactos-desastre-ambiental-rio-doce/>>. Acesso em 18 set. 2020.

LORENZON, Fernando Arnald. **Javé: Onde o Patrimônio se confrontou o Progresso**. Ágora, Santa Cruz do Sul, v.17, n.2, p. 125-130, jul./dez.2015.

MARTINS, João Pedro Ramalho. **Vazio das águas: vidas submersas, identidades forjadas**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação). Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, 2017.

MESQUITA, André L. Arte-ativismo: Interferência, coletivismo e transversalidade. **Linguagens** - revista eletrônica, 2006. Disponível em: <https://exerciciodacritica.files.wordpress.com/2009/05/arteativismo1.pdf>. Acesso em: 05 de dezembro. 2019.

NARRADORES de Javé. Direção de Eliane Caffé. Brasil: Bananeira Filmes & Gullane Filmes, 2003. 1 DVD (100 min.).

REVISTA VEJA. **SOB AS ÁGUAS**. São Paulo, 13 de agosto de 1975, p. 25.
RIO, Raphael Ricardo da Silva. **LUZ, CÂMERA: EDUCAÇÃO! Uma análise sobre produção cinematográfica do Coletivo Atissar e suas influências no campo da educação**. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.

SÁ E GUARABYRA, **Sobradinho**. Som Livre, 1977, disponível em: <http://www.lettras.mus.br/sa-guarabyra/356676/>. Acesso em 09 de jun. 2020.

SALES, Olga Santana. **A construção de barragens e os instrumentos norteadores de planejamento e gestão ambiental para a minimização dos conflitos sócio-ambientais**. 2008. Dissertação (Mestrado em Planejamento e Gestão Ambiental) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2008.

SANTOS, Andréa; NOBRE, Rafael. 2019. As narrativas sobre o “progresso” no jornal Rivale no contexto da construção da Barragem de Sobradinho (1972-1973). In: Congresso de Ciência e Comunicação na Região Nordeste, XXI, 2019. São Luís. **Anais eletrônicos do Congresso de Ciência e Comunicação na Região Nordeste**. São Luís: Intercom, 2019.

SANTOS, Mariana Corrêa dos. **O conceito de “atingidos” por barragens - direitos humanos e cidadania**. 2015. Revista Direito & Práxis. Rio de Janeiro, Vol. 06, N.11, 2015, p. 113-140.

SCHERER-WARREN, Ilse. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. **Soc. estado.**, Brasília, v. 21, n. 1, p. 109-130, Abril, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922006000100007&lng=en&nrm=iso. Acesso em 21 de Nov. 2020.

SILVA, Edcarlos Mendes. **DESTERRITORIALIZAÇÃO SOB AS ÁGUAS DE SOBRADINHO: GANHOS E DESENGANOS**. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Curso de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

VALENCIO, Norma (org.). **Sociologia dos Desastres: Construção, interfaces e perspectivas no Brasil**. São Carlos: RiMa Editora, 2009.

VIEIRA, T. J. B. **Artivismo: Estratégias artísticas contemporâneas de resistência cultural**. 2007. Dissertação (Mestrado em arte Multimídia). Faculdade de Belas Artes, Universidade do Porto, Porto, 2007.

Capa:

Frame do documentário Dos que sobraram das águas (2009).